

A IMPORTÂNCIA DO PATIO DA ESCOLA: POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES

ANA CLAUDIA BATALHA ALVES¹; SIMONE SILVEIRA DA SILVA²; TÂNIA RÖSSLER³; ROGÉRIO COSTA WURDIG⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – batalhaordalio@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – simonesilveira.s16@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – santanrossler@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – rocwurdig@hotmail.com

1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem como base as observações, práticas e reflexões ocorridas durante o Projeto de Extensão *Brincando na Escola*, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (FaE/UFPel), numa turma de 2º ano, com dezoito crianças entre sete e oito anos de idade. O referido projeto foi realizado no segundo semestre de 2016, em uma Escola Estadual de Ensino Fundamental Incompleto, localizada no centro da cidade de Pelotas-RS.

Acreditamos que o pátio da escola é um lugar que deve ter sua arquitetura pensada para o livre brincar das crianças, porém não foi o que encontramos nessa escola pública. Este foi um dos fatores que dificultou bastante nosso trabalho, isto é, brincar semanalmente com as crianças por cerca de trinta minutos. O pátio cimentado e sem atrativos para o brincar funcionou como um impedimento para compartilharmos/apresentarmos algumas brincadeiras.

Inspiradas na sugestão de WÜRDIG e VALÉRIO (s/d pag.8) que para brincar mais na escola é importante “reconhecer o espaço físico da escola e da vizinhança (disponível e seguro), identificando possibilidades de brincadeira e de transformação do espaço, tornando-o mais lúdico”, fizemos um breve reconhecimento do espaço da escola para, então, adaptarmos o nosso repertório de brincadeiras. Além disso, percebemos que na escola havia poucos materiais disponíveis, resumidos à corda, bola e bambolês.

Em relação a isso, EMMEL (1996, p. 4) explica que:

Na maioria das escolas o que se vê são pátios, ou pequenos, ou sem planejamento algum para quaisquer brincadeiras, reservando à criança pouquíssimas opções de uma expansão maior de seu corpo em conjunto com sua mente, restando muitas vezes as possibilidades únicas de alimentar-se e conversar com colegas. Nesta conjuntura, em nome da aprendizagem, da criança é retirado o direito de ser criança. As brincadeiras passam a ser atividades indesejadas e até mesmo proibidas, relegando-se a um plano ínfimo todo o seu importante papel no desenvolvimento cognitivo, motor, social e emocional da criança.

O pátio da escola, neste sentido, precisa ser pensado como estimulador do brincar, transmitindo segurança para a realização das mais diferentes atividades. Para tanto, a sua estruturação deve constar do projeto político pedagógico da escola.

2. DESENVOLVIMENTO

No primeiro contato com as crianças procuramos conhecê-las e realizar, através de desenhos, um pequeno levantamento das brincadeiras preferidas e daquelas que costumavam brincar na escola. A partir daí combinamos com a turma que brincaríamos, assim que possível, com as brincadeiras desenhadas e com

outras diferentes, escolhidas por nós, as *professoras brincantes*, para que pudessem ampliar o repertório lúdico.

Inicialmente, o planejamento das aulas brincantes priorizou o novo, isto é, as brincadeiras que não eram conhecidas pelas crianças, mas que de alguma forma pudessem diverti-las, respeitando as características da turma. Ao mesmo tempo em que tentamos eliminar as competições, investimos nas brincadeiras que objetivavam a cooperação, o afeto ou simplesmente a diversão das crianças. Durante o desenvolvimento do projeto, a turma sugeriu brincadeiras que eram realizadas de acordo com as possibilidades do tempo, do espaço e das interações.

3. RESULTADOS

Observamos que as limitações impostas pelo espaço impediram a realização de uma série de atividades, porém também percebemos que as crianças, a seu modo, já estavam adaptadas àquele espaço e, por isso, participaram de todas as brincadeiras propostas. Talvez as preocupações com espaço fossem muito mais nossas do que delas, já que pesava sobre os nossos ombros a responsabilidade de preservar a integridade das crianças. Ao mesmo tempo, seguindo o objetivo do projeto, queríamos transformar aquela meia hora da aula de brincadeiras em um momento de diversão e prazer.

Acreditamos que esse sentimento diga um pouco sobre a visão que temos de escola, da infância e do brincar. De acordo com nossas concepções, o espaço deveria ter destaque na organização escolar. Embora a existência de brinquedos (ou não) não represente fator determinante para a realização das brincadeiras, pode servir como um estímulo para a exploração do espaço e para a interação com o outro, tão importante para o desenvolvimento social e intelectual das crianças. As crianças também reconstruem sua visão de mundo a partir destes breves momentos de interação com o outro. No confronto com valores aprendidos em casa e na escola, têm a possibilidade de reconstruí-los. ALMEIDA (2012, p. 19) reforça essa ideia, dizendo que “nenhuma criança brinca só para passar o tempo. Quando brinca, ela o faz sempre por um desejo de compreender e reconstruir o mundo”.

Com relação à escola, consideramos que o formato do pátio traduz, de certa forma, uma visão de escola como espaço para o desenvolvimento das atividades tradicionais de sala de aula, no qual o momento do recreio se constitui apenas como momento de “descanso das atividades dirigidas e não como forma de socialização e integração da criança” (KISHIMOTO, 2001, p. 238).

A escola é um espaço de escolarização, porém não podemos nos esquecer da importância que tem o pátio para as crianças. É nele onde elas irão, nos poucos minutos destinados ao recreio, exercer sua liberdade de brincar. Acreditamos que a estruturação do pátio - com o objetivo de torná-lo mais apropriado para as brincadeiras das crianças - acarretaria num ganho para o seu desenvolvimento social, pois é através das brincadeiras que elas interagem com os outros. De acordo com BROUGÈRE (1997, p. 105),

a criança não brinca em uma ilha deserta. Ela brinca com as substâncias materiais e imateriais que lhe são propostas, [...] e, ao contrário do que pensam alguns educadores, o brinquedo não é um condicionante da brincadeira, eles apenas as orientam.

KISHIMOTO (2001, p. 238) relata que “o modelo da escolarização, com suas normas e regras, exerce uma “violência simbólica” (BIARNÉS, 1999), desrespeitando as necessidades infantis”. Tais necessidades seriam facilmente atendidas através de um trabalho de qualificação lúdica do espaço escolar.

4. AVALIAÇÃO

As crianças são seres brincantes. Percebemos isso nos inúmeros encontros que tivemos com a turma ao longo do projeto. Elas têm vontades e jeitos próprios de brincar; brincam quando propomos e também quando não propomos. Nossos registros mostram a alegria de cada uma no momento das brincadeiras. Por esse motivo, é imprescindível pensarmos em espaços mais seguros e atrativos para o exercício pleno da natureza infantil onde o brincar tem um lugar privilegiado.

As crianças são protagonistas da escola no Ensino Fundamental e, como tal, precisam assumir seu lugar. Acreditamos que suas particularidades relativas às formas de socialização e aprendizagem precisam ser respeitadas. Entendemos que ser criança implica, não exclusivamente, em relacionar-se com o mundo de forma lúdica. Nesse sentido, é inconcebível que os espaços que elas ocupam na escola não atendam tais necessidades de ludicidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Lucila. **Interações: crianças, brincadeiras brasileiras e escola.** São Paulo: Blucher, 2012, p. 13-37.

BROUGÈRE, Gilles .**Brinquedo e cultura.** São Paulo: Cortez, 1997, p. 50-60; 89-109.

EMMEL, Maria Luísa Guillaumon. **O pátio da escola: espaço de socialização.** Ribeirão Preto: Paidéia, Fev/Ago 1996. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X1996000100004> acesso em 19/02/2017.

KISHIMOTO,Tizuko Morchida. **Brinquedos e Materiais pedagógicos nas escolas infantis,** 2001. (cópia xerografada)

WÜRDIG; Rogério Costa; VALÉRIO, Mirela. **Dicas para brincar mais com as crianças na escola.** s/d .(não publicado). Pelotas: FaE/UFPel.